

## **RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA**

### **A METAFÍSICA DO BELO: A MÚSICA COMO OBJETIVAÇÃO IMEDIATA DA VONTADE**

*José Luis de Barros Guimarães (Bolsista do PIBIC/UFPI) Luizir de Oliveira  
(Orientador, Departamento de filosofia – UFPI)*

**Agosto, 2011**

**Introdução:** O filósofo alemão Artur Schopenhauer, (1788-1860) considerado por muitos o pai do pessimismo, apresenta-nos na sua obra magna *O mundo como vontade e como representação* (1819) uma leitura do mundo que não consegue escapar ao rótulo de trágica, vez que ele afirma em várias passagens de seus escritos que a existência humana é metafisicamente marcada por sofrimento e dor. No livro III da mesma obra o filósofo discorre sobre as belas artes, escultura, pintura, poesia e música, expondo-nos uma reflexão referente ao belo artístico que rompe com a concepção estética romântica vigente na Alemanha no século XIX. Tendo em mente o debate proposto por Schopenhauer entre filosofia e arte, com enfoque nas diferentes formas de manifestações artísticas, é que esta pesquisa possui o propósito de esclarecer as razões que fazem o autor considerar música a rainha de todas as belas artes, sendo ela um modo de objetivação imediata da Vontade.

**Objetivos:** O corolário desta pesquisa pretende evidenciar a relação existente entre Vontade e Arte em sua filosofia mostrando, a partir desta análise, como as belas artes, e mais especificamente a música, torna-se quietivo da Vontade. Mostrar-se-á também porque a música comparada às outras artes torna-se a pedra de toque na concepção estética schopenhaueriana, oferecendo-nos uma suspensão momentânea do sofrimento humano possível de se atingir. Assim, tentaremos evidenciar, a partir da leitura de mundo schopenhauriana, a importância da arte dos sons em sua filosofia e na vida dos demais seres humanos.

**Metodologia:** Por se tratar de uma investigação eminentemente teórica, o trabalho será desenvolvido por meio da leitura de textos específicos com ênfase na análise crítico-reflexiva baseada numa abordagem hermenêutica inspirada pela proposta de Gadamer. A partir dessa primeira aproximação dos textos-base, torna-se possível o desenvolvimento do diálogo entre o autor estudado e seus intérpretes mais importantes. Os textos bases que utilizaremos para a pesquisa são *O mundo como vontade e como representação* e *Metafísica do Belo* de Artur Schopenhauer, nos quais o autor apresenta sua reflexão acerca das belas artes mostrando-nos que é por intermédio do belo artístico, e isso inclui a música, que os homens podem amenizar mesmo que momentaneamente as dores da existência.

**Resultados e Discussão:** Schopenhauer inicia a sua obra com a seguinte afirmação: “o mundo é minha representação. Essa é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la a consciência refletida e abstrata”. Mas, em outra passagem do mesmo livro ele afirma: “tal verdade, que tem que ser de veras séria e grave para cada um, quando não terrível, e que cada um justamente pode e tem de dizer, soa: o mundo é minha vontade”. Estes conceitos são os dois lados inseparáveis do mundo, como se fossem as duas faces da mesma moeda, pois o sujeito do conhecimento, que é considerado o sustentáculo do mundo, intui de forma imediata a partir das formas puras do nosso entendimento, tempo, espaço e causalidade, os fenômenos existentes na

realidade. Estes últimos são apenas representações da essência íntima do mundo; do aspecto não-fenomênico do mesmo; da coisa-em-si kantiana; do pulso cego e irracional, em outras palavras, da Vontade.

O autor defende a asserção de que esse pulso cego, irrefreável, desprovido de *telos*, que é anterior e está para além das representações, não podendo ser apreendido pelo nosso intelecto e nem expresso de modo absoluto conceitualmente, manifesta-se nos homens, de forma imediata e não refletida, por intermédio do corpo. Esse fenômeno da natureza é posto pelo autor no centro da sua teoria do conhecimento pelo fato do corpo ser considerado tanto objeto imediato quanto objetividade da Vontade. A significação dessas duas expressões, atribuídas ao mesmo conceito, devem ser devidamente esclarecidas visto que ele é o elo entre vontade e representação humana.

No livro I de *O mundo...* Schopenhauer reconhece que é por intermédio do corpo que apreendemos as representações do mundo de forma imediata. Nosso corpo é um objeto que está entre objetos e que possibilita ao sujeito do conhecimento reconhecer de maneira intuitiva outra extensão diferente do Eu, estabelecendo uma relação indissociável entre sujeito e objeto. Já no livro II, ele retoma o debate acerca do corpo reconhecendo-o como uma espécie de “veículo” sob o qual as volições humanas manifestam-se em ações corpóreas imediatas e irrefletidas. O sujeito sente os ímpetus, que estão além das categorias de espaço e tempo e à lei de causalidade, pulsarem desmedidamente através dos órgãos corporais

Essa vontade descrita por Schopenhauer, mola impulsora do querer interior, faz com que o estado de espírito dos homens oscilem dicotomicamente entre a dor e o tédio mostrando-nos que, por vezes, estamos fadados a termos uma existência sofrida, pelo fato de não conseguirmos satisfazer os desejos momentâneos que repousam no querer, e em outros momentos, temos uma existência angustiante decorrente da satisfação efêmera e fugidia da vontade. Esta análise enfática da condição humana parece trágica e fatalista vez que na filosofia schopenhaueriana a natureza humana é marcada por essa pulsão irracional que nos leva a ter uma vida dolorosa e tediosa. Entrementes, Schopenhauer mostra-nos alguns caminhos que podem auxiliar e amenizar, mesmo que momentaneamente, o sofrimento e a angustia, intrínsecos à condição humana. O primeiro caminho apontado por Schopenhauer para suprimir o pesar da existência humana refere-se ao modo de conhecimento estético: seja por um estado de contemplação absoluto do belo quando deparamo-nos com um objeto artístico, uma obra arquitetônica, uma pintura e uma poesia, seja entendendo absolutamente o mundo por intermédio da arte que não pode ser representada no espaço: a música.

**Conclusão:** Percebemos ao longo da investigação que todas as belas artes indistintamente acalantam o espírito humano não deixando no momento da fruição estética ímpeto algum do querer. O corpo esquece as carências diárias, provocadas por essa força incontável que pulsa violentamente nos homens, confundindo-se com o próprio objeto intuído; aniquilando brevemente o tédio e o sofrimento humano; sentimentos que marcam substancialmente a

existência humana. A música, nesse sentido estrito, não difere das outras belas artes vez que ela também consegue aliviar as inquietações humanas diluindo arrebatadoramente os apetites que o corpo normalmente sente no constante pulsar da vontade. Não obstante, a arte dos sons deve ser vista como uma manifestação artística completamente à parte em relação às outras, especial num certo sentido, visto que no momento da fruição estética musical o homem não contempla apenas o arquétipo imorredouro do mundo como representação, que se apresenta enquanto Ideia ao entendimento humano, mas o próprio mundo como Vontade.

As harmonias e melodias musicais diferem-se das demais outras artes por que elas não se tornam um objeto representado, não necessitando da categoria de espaço para que fruição estética aconteça. A arte dos sons, que é despida das formas e conteúdos específicos do mundo fenomênico, apresenta-se aos homens pela categoria do tempo. Schopenhauer defende a asserção que só é possível a apreensão dos estados da matéria em decorrência de um “trabalho” conjunto do espaço com o tempo, que está impreterivelmente submetido à lei de causalidade. Se não “usamos” a categoria de tempo, no momento da fruição estética, aquilo que é apreendido aprioristicamente pelo entendimento humano é o estático; este é o caso das Idéias platônicas.

Entrementes, se a categoria que “entra em ação” é unicamente a do tempo à apreensão daquilo que flui compassadamente torna-se impossível, dado que a imutabilidade se faz presente na atemporalidade. Os sons de uma determinada canção são inapreensíveis, pois a execução de uma nota leva-nos impreterivelmente a outra, e a outra, e assim sucessivamente. A música, que se faz “invisível aos olhos”, é a própria *coisa-em-si* kantiana, vez que ela é a cópia perfeita da Vontade. Para Schopenhauer as notas executadas pelos instrumentos de timbres graves, responsáveis por manter o campo harmônico de uma canção, as vozes intermediárias; que geralmente possuem a função de estabelecer um elo entre o baixo contínuo e fundamental com a voz principal, que dita à linha melódica de uma determinada manifestação artística musical, dispostas simultaneamente é a própria Vontade “ecoando” absolutamente nos ouvidos humanos, mostrando-se por completo, em todos os seus graus, ininterruptamente em um curto intervalo de tempo. Conclui-se, que a música é o único meio que permite o homem conhecer o mundo de modo absoluto não sendo necessário a linguagem e os conceitos humanos frente à arte dos sons.

**Palavras-chave:** Vontade. Representação. Música

### **Referência bibliográfica**

LEFRANC, Jean. *Compreender Schopenhauer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Editora Vozes, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução, apresentação e notas de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. *A metafísica do belo*. Tradução, apresentação e notas de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. *A arte de conhecer a si mesmo*. Tradução: Jair Barboza. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2009.

TANNER, Michael. *Schopenhauer metafísica e arte*. Tradução: Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2001